

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

ABC



 **Atena** Editora

Ano 2018

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 5.198 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-12-3 DOI 10.22533/at.ed.123181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A identidade de um livro simboliza todos os pensamentos e discussões que se pretendem divulgar aos leitores. Quando escrevemos um texto, de certa forma, os nossos interlocutores nos auxiliam na maneira como as ideias serão organizadas na textualidade dos enunciados e nas finalidades que almejamos atingir.

Se nos convencêssemos de que todo plano textual está inserido nas finalidades de informar, formar, convencer e esclarecer algo aos nossos enunciatários, certamente a forma como enxergaríamos o texto e seus elementos constituintes seria ampliada na diversidade que a língua se realiza nos contextos sociais, pois, de certo modo, escrevemos sempre com objeções considerando um contexto e os saberes do nosso interlocutor.

Necessário sempre será discutir o discutível, refazer o que carece de ser refeito, sobretudo no contexto de produção do conhecimento, já que todo processo de aquisição do saber parte de uma das mais importantes e significativas funções da língua que é comunicação entre os sujeitos. Sempre comunicamos por meio do texto algo a alguém e às suas funções que necessitam ser clarificadas nos atos de dizer e produzir.

As comportas do conhecimento abertas pelas reflexões deste livro se revelam aos diferentes leitores, coadunando-se com a plenitude de como a linguagem assume seu único e verdadeiro objeto de interação entre os sujeitos. Comunicamos porque somos partes do ato comunicativo e com essa convicção é que comunicar representa nossos anseios, bem como os esforços de pesquisadores e estudiosos que apresentam e, ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de democratização das questões referentes à linguagem com as metodologias e os planos culturais e de identidades nos usos da língua.

Para legitimar a relevância das discussões reveladas em cada texto presente neste livro, a constituição de um mosaico textual de ideais e concepções são apresentadas por seus autores que propõem socializar os diferentes discursos capazes de sustentar as construções feitas em torno do ensino de Língua Materna, embora os estudos apresentados no referido livro não tenham unicamente a discussão que reverbera o trabalho com processo de ensino e aprendizagem da língua no seu contexto de autonomia e competências, mas da compreensão de que a língua se adegue aos meios sociais e às manifestações culturais.

A legitimidade com que os pesquisadores debruçam suas investigações na produção de cada capítulo justifica-se na plenitude diversa como a língua se expande nos diversos contextos de realização. E na função de perceber que sempre há outras formas de refazer o próprio discurso à luz da diversidade com que a linguagem é que se produz em uma corrente processual e metastásica em que os leitores encontrarão trabalhos referentes ao estudo da palavra, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ao processo analítico de obras e textos literários, aos discursos formulados no imaginário cultural e às reflexões metodológicas de trabalho no contexto

escolar.

O todo deste livro se assemelha à construção de um grande quebra-cabeça em que só tem sentido quando são juntadas todas as suas peças na formulação do plano reflexivo capaz de constituir a relevância desta obra. São, pois, ao todo, dezoito trabalhos que transitam entre os contextos da linguagem, da linguística e das intervenções que estruturam o ensino de língua portuguesa e língua estrangeira nos mais variados contextos de aquisição. Sendo assim, uma síntese de cada texto com as marcas de seus autores pode ser revelada a seguir.

O primeiro capítulo, o pesquisador Ivan Vale de Sousa propõe algumas discussões que aproximam o trabalho com a utilização da pesquisa-ação aos procedimentos da sequência didática, que segundo ele são metodologias interacionistas no ensino da linguagem em que, ao mesmo tempo, rediscute como as implicações pedagógicas são capazes de aproximar os sujeitos *professor* e *aluno* da situação comunicativa com o desvelamento de três modelos de sequência didática elaborados à luz dos objetos didáticos no processo de didatização das práticas de linguagem.

As questões discutidas no segundo capítulo são de autorias de Genilda Alves Nascimento Melo, Andreia Quinto dos Santos e Célia Jesus dos Santos Silva, que rediscutem a necessidade do currículo à luz da docência como propostas de pertencimentos, servindo como requisitos fundamentais para o ensino de Língua Materna. No terceiro capítulo, as mesmas autoras com ordem diferente de apresentação das identidades, Célia Jesus dos Santos Silva, Genilda Nascimento Melo e Andreia Quinto dos Santos trazem à discussão o ensino de leitura e da função do suporte livro didático na instituição escolar de educação básica aproximando as reflexões.

Dóris Regina Mieth Dal Magro, no quarto capítulo, revisita as habilidades de leitura e escrita como eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de língua portuguesa à luz dos gêneros discursivos como alternativas eficazes na promoção do letramento e na autoria dos estudantes. O quinto capítulo, Nayara da Silva Camargo e Nilson Santos Trindade destacam os aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente no que se refere às relações pronominais focalizando ao leitor a compreensão desse processo.

No sexto capítulo, Luiz Antonio de Sousa Netto, Rafaela Cunha Costa e Stella Telles estudam a palavra fonológica na língua polissintética Latundê lançando luzes a algumas teorias apresentadas por estudiosos e ancoradas na concepção interacionista da linguagem. O sétimo capítulo, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva e Regina Célia Ramos de Almeida apresentam as marcas de oralidade na escrita compreendendo os processos de monotongação e apagamento do [R] final, no contexto de aplicabilidade e intervenção com alunos do ensino médio.

Thays Trindade Maier, no oitavo capítulo, apresenta um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, com a finalidade de despertar e promover a competência leitora no ambiente escolar. No nono capítulo, as autoras Katharyni Martins Pontes, Thaís Pereira Romano e Rita de Nazareth Souza Bentes apresentam o

letramento literário como instrumentalização no ensino de alunos surdos e rediscutem a relevância da acessibilidade do aluno surdo ao contexto literário.

No décimo capítulo, Myriam Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva partem do desenvolvimento disciplinar, refletindo os impactos na formação inicial do professor, além de discutir as estratégias metacognitivas na análise de novas propostas metodológicas no aprendizado de línguas estrangeiras. As reflexões que enfocam o décimo primeiro capítulo, Adriane do Socorro Miranda e Polyana Cunha Campos relatam as contribuições do Projeto Pibid no processo de formação inicial de professores de português como Língua Materna, em que os sujeitos participantes emitem suas convicções na função de bolsistas.

No décimo segundo capítulo, Larissa Rizzon da Silva revela como os fatores socioculturais e identitários são relevantes no processo de reabilitação do afásico, em que as discussões se concentram no contexto de socialização do sujeito com a linguagem. O décimo terceiro capítulo, a simbiose do bumba-meu-boi do Maranhão é tematizada nas reflexões de Joaquim de Oliveira Gomes sob a ótica do discurso e da sustentabilidade em que são propostas as aproximações entre a análise dos discursos à luz das toadas com as questões de sustentabilidade capazes de perpetuar a relevância da manifestação.

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, no décimo quarto capítulo, investiga as (des)construções do imaginário de ensino de língua portuguesa na formação superior da graduação em Direito lançando luzes para as vertentes e os saberes linguísticos na concepção da análise do discurso (AD). O décimo quinto capítulo, autoria de Katia Cristina Schuhmann Zilio, os sentidos digitais são discutidos como aproximações do uso da tecnologia na educação propondo questões que são respondidas ao longo das reflexões inseridas no texto.

No décimo sexto capítulo, Priscila Ferreira Bentes passeia entre as páginas da narrativa tecida pelo escritor Benedicto Monteiro, descrevendo o movimento de religiosidade no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, a autora do capítulo aproxima as discussões entre literatura e antropologia com toda a riqueza literária presente na obra utilizada como *corpus* de análise. No décimo sétimo capítulo, Margarida da Silveira Corsi e Gilmei Francisco Fleck analisam a dialogia romanesca atentando-se para as releituras do perfil de uma cortesã, esclarecendo que a imbricação das análises culmina para a estruturação do cordel como uma das marcas da brasilidade.

Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, no décimo oitavo e último capítulo, revelam a urbanidade poética como fonte de inspiração e análise, em parte, do poema *Belém e seu poema*, de Bruno Menezes e readmitem que as imagens criadas no gênero literário partem dos múltiplos olhares do cotidiano.

Ao apresentar aos leitores uma síntese do que pode ser encontrado em cada trabalho que compõe este livro, esperamos que as reflexões contribuam com o processo de ampliação do letramento literário, da metodologia de investigação com a linguagem, lance luzes a outros questionamentos e flexibilize a forma de pensar o

ensino de Língua Materna em uma construção de continuidade. Além disso, sabemos ainda que as discussões, doravante, demonstradas podem, de certa forma, ampliarem-se nos mais diversos contextos de aprendizagem em que o leitor transite o caminho também de produtor de outros discursos.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
METODOLOGIAS INTERACIONISTAS EM QUESTÃO: PESQUISA-AÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA LINGUAGEM	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
CAPÍTULO 2	13
'DOCÊNCIA: CURRÍCULO E PERTENCIMENTO – REQUISITOS BÁSICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos Célia dos Santos Silva</i>	
CAPÍTULO 3	28
O ENSINO DA LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Célia Jesus dos Santos Silva</i>	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos</i>	
CAPÍTULO 4	44
LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES	
<i>Dóris Regina Mieth Dal Magro</i>	
CAPÍTULO 5	56
ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS	
<i>Nayara da Silva Camargo</i>	
<i>Nilson Santos Trindade</i>	
CAPÍTULO 6	75
ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)	
<i>Luiz Antonio de Sousa Netto</i>	
<i>Rafaela Cunha Costa</i>	
<i>Stella Telles</i>	
CAPÍTULO 7	85
MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO	
<i>Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva</i>	
<i>Regina Célia Ramos de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	104
RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA	
<i>Thays Trindade Maier</i>	
CAPÍTULO 9	114
LETRAMENTO LITERÁRIO: INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS	
<i>Katharyni Martins Pontes</i>	
<i>Thaís Pereira Romano</i>	
<i>Rita de Nazareth Souza Bentes</i>	
CAPÍTULO 10	124
O IMPACTO DA DISCIPLINA “APRENDER A APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS EM ANÁLISE	
<i>Myriam Crestiam Cunha</i>	
<i>Walkyria Magno e Silva</i>	

CAPÍTULO 11	139
AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DOS BOLSISTAS	
<i>Adriane do Socorro Miranda</i> <i>Polyana Cunha Campos</i>	
CAPÍTULO 12	150
A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO	
<i>Larissa Rizzon da Silva</i>	
CAPÍTULO 13	159
DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO	
<i>Joaquim de Oliveira Gomes</i>	
CAPÍTULO 14	169
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO IMAGINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO	
<i>Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset</i>	
CAPÍTULO 15	184
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS DO DIGITAL	
<i>Katia Cristina Schuhmann Zilio</i>	
CAPÍTULO 16	198
DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA:UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO	
<i>Priscila Ferreira Bentes</i>	
CAPÍTULO 17	208
DA CAMÉLIA AO MANDACARU: RELEITURAS DO PERFIL DE UMA CORTESÃ	
<i>Margarida da Silveira Corsi</i> <i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
CAPÍTULO 18	227
A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”	
<i>Edvaldo Santos Pereira</i> <i>Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR	233

MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO

**Maria do Perpétuo Socorro Conceição da
Silva**

Instituto Federal de Educação, Ciência e
tecnologia do Amazonas - IFAM
Manaus - Amazonas

Regina Célia Ramos de Almeida

Instituto Federal de Educação, Ciência e
tecnologia do Amazonas - IFAM
Manaus - Amazonas

RESUMO: O artigo em pauta é um recorte da dissertação de Mestrado intitulada “Interferência da fala na escrita de alunos do ensino médio: descrição e análise de usos de monotongação e de apagamento do [R] final”. Nele, descrevemos e analisamos as marcas da oralidade na escrita por meio do uso da monotongação dos ditongos [ey] ~ [e], [ow] ~ [o] e do apagamento do [R] em final de vocábulo. Inserido no âmbito teórico dos estudos sociolinguísticos variacionistas e, deste modo, considerando a língua como resultante das interações sociais, os fenômenos em questão foram analisados em textos escritos por alunos do ensino médio - 1^a, 2^a e 3^a séries - do *campus* Manaus Zona Leste, instituição vinculada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM. A base de sustentação teórica do referido trabalho se concentra nas perspectivas acerca da relação entre fala e escrita, desenvolvidas

por Marcuschi e Dionísio (2007), Fávero et al. (2006), Mollica (2003), Tasca (2002) entre outros, bem como nos pressupostos da Sociolinguística variacionista laboviana e da Fonética e Fonologia. Deste modo, trazemos neste trabalho uma amostra da análise feita em parte do *corpus* coletado durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, cujos resultados apontam que, na escrita, os fenômenos investigados são pouco produtivos e, à medida que os alunos avançam nas séries do ensino médio, eles tendem a diminuir, evidenciando, deste modo, o papel decisivo da escola como lugar de manutenção do padrão linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Monotongação; Apagamento do [R].

ABSTRACT: This paper is a section of the Master dissertation titled “Interference of speech in the writing of high school students: description and analysis of uses of monophthongization and erasure of the final [R]”. In it, we describe and analyze the marks of orality in writing by using the monophthongization of the diphthongs [ey] [e], [ow] ~ [o] and the deletion of the [R] at the end of the word. The phenomena studied were analyzed on 1st, 2nd and 3rd grades high school students’ written texts of the Manaus Zona Leste campus, institution linked to the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amazonas – IFAM, according to the theoretical

framework of the variationist sociolinguistic studies and, thus, considering language as a result of social interactions. The theoretical basis of this paper focuses on the perspectives of the relation between speech and writing, developed by Marcuschi and Dionísio (2007), Fávero et al. (2006), Mollica (2003), Tasca (2002), among others, as well as in the assumptions of Labovian variationist sociolinguistics and phonetics and phonology. Thus, we present in this paper a sample of the analysis made in part of the corpus collected during the research development process, which results indicate that, in writing, the investigated phenomena are few productive and, as students progress in the teaching series average, they tend to decrease, thus evidencing the decisive role of the school as a place of maintenance of the linguistic standard.

KEYWORDS: Linguistic variation; Monophthongization; Erasure of [R]

1 | INTRODUÇÃO

Fala e escrita são duas modalidades linguísticas que embora possuam características específicas, não constituem modalidades estanques e dicotômicas entre si. Em determinados contextos de uso linguístico, ambas podem estabelecer uma relação de complementaridade por meio da interferência mútua de uma sobre a outra. Deste modo, não faz sentido supervalorizar a escrita em detrimento da fala e nem superestimar esta desfavorecendo aquela, pois conforme Marcuschi e Dionísio (2007, p. 15) “[...] ambas não estão em competição. Cada uma tem seu papel e sua história na sociedade”. Entretanto, o que se observa no contexto dos estudos linguísticos e no ambiente escolar é que a escrita sempre ocupou um lugar de destaque em relação à fala. Por se caracterizar como um bem indispensável nas sociedades modernas, símbolo de educação, desenvolvimento e poder, a escrita foi obtendo relevância superior à fala, tornando-se mais prestigiada que esta. O resultado disto é que no sistema de ensino escolar, conforme Nobre e Fávero (2011, p. 02) a linguagem oral é pouco trabalhada e muitas vezes, não é nem desenvolvida em sala de aula.

Outro aspecto negativo desta perspectiva no nosso entendimento é que se exclui do ensino de língua portuguesa as variedades linguísticas dominadas pelas classes sociais menos favorecidas, as características constitutivas de cada uma das modalidades linguísticas e ainda, na opinião de Baronas e Duarte (2014, p. 146), “[...] a idiossincrasia inerente a cada falante, pois cada um fala, age e escreve de acordo com o lugar que ocupa na sociedade e, também, em consideração à situação de uso da língua”. Ao invés de se conceber a língua a partir da heterogeneidade que lhe é peculiar e, por conseguinte, a partir das suas múltiplas variações e usos, o ensino de língua portuguesa no Brasil, contrariando os postulados sociolinguísticos, centra-se quase que exclusivamente na escrita, impondo para os alunos a prescrição de regras gramaticais que eles sequer utilizam na produção de seus textos, cotidianamente. Na concepção das autoras supracitadas, a escrita, nesta perspectiva:

[...] tem sido usada como forma de legitimar a denominada “carência” linguística dos

alunos, ignorando-se a complexa heterogeneidade dialetal brasileira e, também, a significativa interferência da oralidade na escrita, além da falta de comprometimento político para com a educação no Brasil (2014, p. 146).

Com base nestes pressupostos, pensamos ser relevante empreender estudos que abordem temas relacionados à variação linguística, especialmente os que tratam da interferência da fala na escrita, visto que o aluno quando chega à escola domina perfeitamente as normas do seu grupo social e, conseqüentemente, as normas dialetais constitutivas da sua fala podem se refletir em seus textos escritos. Neste sentido, cabe à escola ampliar o universo linguístico do aluno, partindo da variedade que ele tem domínio para aquela que ele ainda não domina, bem como promover um ensino de língua inclusivo, capaz de contribuir com a efetivação de uma pedagogia culturalmente sensível¹ (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 118).

2 | A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA

A variação linguística constitui um fenômeno universal e compreende a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. De acordo com Mollica (2015, p. 10-11) “[...] variantes são as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável tecnicamente chamado de variável dependente”. Por exemplo, as formas */termino-terminou/*; */estudo-estudou/*; */amô-amor/*; */diretô-diretor/* são variáveis linguísticas, pois se realizam por meio de duas variantes, duas alternativas possíveis de dizer a mesma palavra e semanticamente equivalentes: a presença ou ausência da semivogal [y], nas duas primeiras palavras e nas duas últimas, a presença ou ausência da consoante vibrante [r]. O estudo da variação linguística tem sido nestas últimas décadas, uma das grandes realizações da pesquisa sociolinguística variacionista. As línguas usadas na comunicação humana formam sistemas dinâmicos, heterogêneos, isto é, as línguas estão suscetíveis à variação e à mudança. O fenômeno da variação linguística mostra a coexistência de diferentes formas de igual valor em diferentes níveis de uma língua – fonético-fonológico, morfossintático ou semântico-pragmático – e que estas podem ser substituídas umas pelas outras. A pesquisa sobre variação linguística se fundamenta no entendimento de que as variantes são condicionadas por variáveis. Neste sentido, é possível identificar em todas as línguas, variáveis ou fatores de várias categorias que favorecem a variação e a mudança.

Labov (1966, 2008), um dos primeiros a desenvolver estudos acerca do princípio da variação linguística, demonstrou que há um conjunto complexo de fatores que promovem ou não o emprego de variantes. Estes fatores podem ser encontrados na própria estrutura linguística ou fora dela. No Brasil, um grande número de estudos,

¹ Conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 118), uma pedagogia culturalmente sensível é um tipo de esforço especial empreendido pela escola, a fim de reduzir os problemas de comunicação entre professores e alunos, de desenvolver a confiança e impedir a gênese de conflito que se move rapidamente para além das dificuldades de comunicação, transformando-se em lutas amargas de trocas de identidade negativas entre alguns alunos e seus professores.

entre eles os de Lemle e Naro (1977); Votre (1978); Bisol, (1981); Scherre, (1996); Bortoni-Ricardo, (1985); Paiva, (1996, 2015); Tasca, 1999, 2002), Mollica (2000, 2003) comprovam que, além das variáveis linguísticas ou estruturais, existem outras como, idade, sexo, escolaridade, contato com a escrita ou com os meios de comunicação de massa, a classe social, o estilo, que são cruciais para o acontecimento da variação tanto na fala, quanto na escrita.

Ainda que aparentemente caótica e aleatória, a variação linguística constitui um objeto de estudo científico, já que a heterogeneidade das línguas é inerente às mesmas, podendo ser prevista e sistematizada. O ponto alto dos estudos da variação é descrever e explicar os usos que geram alternância indicando seu caráter estável ou de mudança em progresso. Por exemplo, no português do Brasil temos a realização variável da lateral // nos grupos consonantais – claro/craro, Flamengo/framengo – e a alternância entre nós e a gente, em referência à primeira pessoa do plural – Nós vamos estudar hoje/A gente vai estudar hoje. Estudos acerca destes fenômenos em diferentes amostras de fala admitem caracterizar o primeiro como uma variação estável, fortemente controlada por fatores estruturais e sociais (Gomes, 1987; Paiva e Mollica, 1993) e o segundo, conforme Omena (2003), Lopes (1999) e Menon (1994) parece constituir, de acordo com as evidências já depreendidas, uma mudança que, a longo termo, pode levar à substituição do pronome nós pela forma a gente.

Ao longo da segunda metade do século XX, as pesquisas acerca da modalidade falada da língua se intensificaram, haja vista o interesse pelos processos de mudança que em princípio, se originam e se efetivam primeiro no registro de fala menos monitorado (Paiva e Scherre, 1999; Paiva e Duarte, 2006). Entretanto esta preferência pelo oral não significa que o princípio de heterogeneidade ordenada se aplique especificamente à fala, o lugar, à princípio, mais natural da variação, em virtude de submeter esta modalidade a um controle normativo externo. A língua escrita está igualmente sujeita a pressões de variação e mudança, mesmo que de forma mais restrita e lenta, devido ao seu caráter conservador e às finalidades a que serve. Ultimamente, vários estudos têm possibilitado a discussão sobre o mito de homogeneidade/uniformidade da escrita, evidenciando a existência de variações e a inclusão de mudanças em curso na fala. A este respeito Paiva e Gomes (2014, p. 11) informam que:

A relação entre fala e escrita no que se refere à variação é complexa, mas instigante, na medida em que elas estão associadas a formas de produção textual-discursiva bastante diferenciadas. No entanto, o estudo da mudança linguística relativo a períodos em que não é possível mais ter acesso aos falantes, mas em que o acesso à língua em uso se dá através de textos escritos, têm revelado ser possível identificar os processos variáveis e as estruturas em mudança, ou seja, em qualquer momento a língua escrita se mostra suscetível a incorporar aspectos da fala.

No senso comum, a língua escrita está sujeita a maiores exigências de correção e de obediência às regras da gramática prescritiva. Por exemplo, se a falta de concordância entre o verbo e o sujeito é aceitável na fala (Scherre, 1988; Scherre e Naro, 1991), na língua escrita esta carência é concebida como uma falha grave, sujeita

à correção. Obviamente o paradigma a que está submetida a língua escrita e a própria forma de aquisição desta, realizada como uma socialização secundária, coopera, a priori, para tal. É o que explicam Paiva e Gomes (2014, p. 13) nesta passagem:

[...] o ensino de regras mais ou menos explícitas desenvolve uma consciência, pelo menos parcial, de normas de comportamento linguístico, de convenções seletivas que promovem determinadas formas linguísticas ao estatuto de regra categórica, contribuindo, assim, para uma aparente uniformidade.

Concordando com as autoras supramencionadas Marcuschi e Dionísio (2007) afirmam que a concepção de que a escrita é homogênea encontra pouca ou talvez nenhuma aceitação empírica no uso real da língua. Não há, de acordo com as análises controladas em amostras de textos escritos diversificados, regras linguísticas exclusivas da fala e da escrita. Se fala e escrita são modalidades de realização de um único sistema linguístico e este é inerentemente variável não é surpreendente que a escrita apresente variação, embora provavelmente com relevância diferenciada. Deste modo, esclarecem os autores:

[...] a grande variação presenciada na oralidade não se verifica com a mesma intensidade na escrita, dado que a escrita tem normas e padrões ditados pelas academias. Possui normas ortográficas rígidas e algumas regras de textualização que diferem na relação com a fala. Mas isso ainda não significa que não haja variação nos modos de escrever. (Marcuschi e Dionísio, 2007, p. 15-16)

Portanto, embora a variação linguística na escrita ocorra de forma menos acentuada e não simultaneamente em todo o vocabulário possivelmente afetado, deve ser considerada natural, visto que a variação abrange todo o sistema linguístico e não apenas uma parte dele (MOLLICA, 2003).

3 | OS FENÔMENOS DA MONOTONGAÇÃO E O APAGAMENTO DO [R]: O QUE DIZEM OS ESTUDOS.

Conforme Aragão (2000, p. 113), entende-se por monotongação a redução dos ditongos à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa. Este fenômeno, informa a autora, tem sido estudado de diferentes formas, ora como uma variação fonética, de fácil articulação, ora como uma marca sociolinguística e dialetal. De acordo com Hora (2007), o apagamento das semivogais [y] e [w] é bastante produtivo no português brasileiro oral, talvez, porque não sofra nenhuma avaliação que o estigmatize, nem represente um “erro”, visto que não altera o sentido da palavra. Já na concepção de Paiva (1996, p. 219), “[...] a monotongação é um processo fonético de larga extensão no português, tanto de um ponto de vista sincrônico quanto diacrônico”. Para a autora, diacronicamente a ocorrência do fenômeno da monotongação é atestada no português ao longo de toda a história desta língua, inclusive, no próprio latim vulgar já se evidenciava esta tendência.

Ao pesquisar esta temática, Aragão (2000) considerou o apagamento das semivogais [y] e [w] dos ditongos decrescentes como uma variante diastrática,

já que ocorre em todas as regiões do Brasil, conforme constata as pesquisas sociolinguísticas voltadas para o estudo destes fenômenos. Segundo a referida autora, o processo de monotongação tem sua ocorrência condicionada, principalmente, pelo contexto fonológico seguinte. Neste sentido, Lopes (2002), Pereira (2004) e Bagno (2012) informam que o ditongo [ey] monotonga mais frequentemente diante de fricativas alvéolo-palatais [ʃ], [ç] e tepe [f], enquanto o ditongo [ow], no entanto, por ser considerado um fato generalizado pelos pesquisadores do português falado no Brasil, pode sofrer monotongação em qualquer contexto fonético. No entendimento de Paiva (1996, p. 222) o apagamento de [w] é muito mais geral e irrestrito que o apagamento de [y], embora nos dois casos haja características de mudança em progresso.

No âmbito da escrita, a ocorrência destes fenômenos também se dá de forma alternada. Conforme Mollica (2000, p. 73), o apagamento do “i” não é muito frequente, o que evidencia que o aluno consegue perceber que mesmo que o [y] não seja realizado na fala, o “i” deve ser representado na escrita. Já o apagamento do “u”, informa Tasca, (2002, p. 59) depende da familiaridade que o aluno tem com o vocábulo. De qualquer forma, ressalta Mollica (2000), quanto mais operado o processo na língua falada, tanto mais resistente é a aprendizagem das regras escritas.

No que se refere à monotongação do ditongo [ow], Paiva (1996) estabeleceu uma correlação entre as variáveis linguísticas (i) ponto e modo de articulação do segmento seguinte ao ditongo, (ii) extensão da palavra, (iii) tonicidade da sílaba em que o ditongo ocorre e (iv) estruturação interna da palavra (incidência do ditongo no radical ou no sufixo do vocábulo), e constatou que o apagamento de [w] ocorre independentemente de qualquer restrição, tendo por motivação somente a estrutura inteira do ditongo. Segundo ela a natureza fonética da vogal-base é o único fator que atua positivamente na supressão de ambas as semivogais.

Quanto ao apagamento do [R] final, Mollica (2003), afirma se tratar de um fenômeno que acontece em todo o território nacional, com as devidas particularidades de cada comunidade de fala, mas que não parece oferecer qualquer estigma social a quem o utiliza oralmente. Esta autora também afirma que a ocorrência deste fenômeno tem se tornado cada vez mais frequente na escrita, o que leva a crer que o cancelamento da vibrante em posição final espelha uma mudança em curso na língua, cujo estágio confirma tendência forte ao seu cancelamento na fala e à recuperação mais difícil na escrita.

Para Callou e Leite (2010, p. 37), o apagamento do rótico tem hoje um uso irrestrito, não sendo privativo de mulheres ou de qualquer etnia, classe social ou nível de escolaridade. Isto talvez indique que este tipo de pronúncia não seja mais estigmatizado. Em estudos que tratam do uso dos róticos no português do Brasil, Callou, Moraes e Leite (2013), entre outros, observaram que este fenômeno pode se realizar como vibrante alveolar [r], tepe [r], vibrante velar/uvular [x], aspiração [h] ou zero [ø]. Desta forma, afirmam estes autores:

A realização do R, determinada dialetalmente, vai de uma vibrante múltipla alveolar (rara em posição de coda) a um zero fonético (em posição final de vocábulo). Essa possibilidade de variadas realizações pode ser vista como vestígio de um processo de enfraquecimento, que leva até mesmo ao apagamento do segmento. A sequência postulada seria $r \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$. (p. 176).

Ainda segundo os autores mencionados, as diferentes possibilidades de realização do /R/ expressas na cadeia anterior estão presentes e são encontradas em quase todos os dialetos, contudo com diferentes percentuais a depender da região de origem do falante. Por exemplo, as cidades de Salvador e Porto Alegre encontram-se em direções opostas, visto que a distribuição da regra de cancelamento do /R/ na cidade de Salvador é maior, enquanto na cidade de Porto Alegre há a preservação do segmento /R/. Dados sobre as cidades de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo apresentam um equilíbrio entre as duas tendências. Na opinião de Oliveira (2001, p. 91), “[...] o apagamento do -r final de vocábulo altera a estrutura silábica, seja por meio de sua reestruturação ou por meio de sua simplificação e é condicionado por fatores linguísticos e sociais”. Os fatores linguísticos mais considerados no estudo desse fenômeno são: a extensão do vocábulo, o contexto precedente, o contexto subsequente, a tonicidade, a sonoridade, a classe morfológica, a posição no vocábulo, entre outros, a depender do escopo de estudo. Entre os fatores extralinguísticos, externos, estão: idade, escolaridade, profissão, sexo/gênero e até gêneros textuais em caso de *corpus* escrito. No entanto, vários estudos sobre o apagamento [R] apontam que a incidência maior do fenômeno ocorre na posição externa em final de vocábulo, é o caso dos trabalhos realizados por Oliveira (1999), Oliveira (2001), Mollica (2003), Callou, Moraes & Leite (2013), entre outros. Mas, ainda há necessidade de se analisar mais profundamente este fenômeno na modalidade escrita.

Em se tratando desta modalidade linguística, Mollica afirma que quase todos os processos fonológicos variáveis vão aparecer refletidos nela, mas não simultaneamente em todo o vocabulário possivelmente afetado. Segundo seus postulados, “[...] fatores de ordem social influenciam também na quantidade de tais registros, especialmente os referentes ao perfil sociolinguístico do falante aprendiz da escrita” (2003, p. 23). Além disto, a autora também observa uma equiparação dos fenômenos da monotongação do [ow] e do apagamento da vibrante pós-vocálica [R] em final de palavra nas modalidades falada e escrita. Este aspecto ela justifica afirmando que condicionamentos concorrem para a manutenção ou cancelamento dos travadores silábicos que atuam nas referidas modalidades. Na sua concepção, “[...] esses condicionamentos se enquadram na hipótese segundo a qual regras em mudança (na fala) são mais resistentes à recuperação de segmentos cancelados (na escrita) do que regras em variação estável” (MOLLICA, 2003, p. 26-27). Complementando as palavras de Mollica, Pedrosa (2014, p. 59), informa que a diversidade linguística sempre se refletiu na escrita, mas o caráter assíncrono desta modalidade anula muitos fatores extralinguísticos que condicionam a variação linguística, dificultando, dessa forma, o entendimento entre quem escreve e quem lê. Assim, com o tempo, tornou-se

necessária a escolha de uma forma como padrão de escrita, para que fosse possível anular a variação nesse meio e se permitisse a qualquer falante de qualquer variedade ler e entender o que está escrito. A escolha de qual variante adotar na escrita foi feita por meio de uma convenção ortográfica que, na concepção de Massini-Cagliari (2005), não pode ser recuperada porque esbarra em questões históricas que se perdem com o decorrer dos anos. Deste modo, o aspecto ortográfico assume a sua função primeira de neutralizar os fenômenos variáveis na escrita, normatizando uma forma única para representar as variantes da fala.

4 | O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO E O APAGAMENTO DO [R] NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO IFAM - CAMPUS MANAUS ZONA LESTE: ANÁLISE DOS DADOS.

Conforme anunciamos no resumo deste trabalho, esta pesquisa segue o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística variacionista, conhecida também como Sociolinguística Laboviana ou Quantitativa. Nosso objetivo é tentar identificar os contextos linguísticos e sociais que justificam os usos encontrados em relação à monotongação dos ditongos decrescentes [ey], [ow] e do apagamento do [R] final. O *corpus* analisado é constituído por textos escritos pelos alunos da 1^a, 2^a e 3^a séries do ensino médio do IFAM – Campus Manaus Zona Leste e perfazem um total de duzentas e noventa e duas unidades, estratificadas conforme o quadro abaixo:

Séries	Gênero/sexo		Total por série	Total Geral
	Masculino	Feminino		
1 ^a	66	66	132	292
2 ^a	45	45	90	
3 ^a	35	35	70	

Quadro 1: Estratificação do *corpus*

Estes textos foram produzidos em sala de aula, sob a orientação dos professores de língua portuguesa das referidas séries e versam sobre questões relacionadas à vida pessoal e acadêmica dos participantes da pesquisa. No que se refere às variáveis, estas foram estabelecidas com base em estudos realizados por Oliveira (1999), Oliveira (2001), Mollica (2000, 2003), Tasca (2002), Callou, Moraes e Leite (2002); Monaretto (2002, 2009), Nascimento; Rodrigues e Cunha (2006), Carvalho (2007), Mota e Souza (2009), Toledo (2009), Brustolin (2010), Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) Costa (2010), Ribeiro (2013), Mendes (2015), entre outros, cujos corpora são constituídos tanto por dados de língua falada, quanto por dados de língua escrita. Deste modo, selecionamos as seguintes:

a. **Variáveis Dependentes:** supressão da semivogal [y] para o ditongo [ey]; supressão da semivogal [w] para o ditongo [ow]; manutenção do segmento consonantal [r] ou o seu apagamento [Ø] para o apagamento do [R] em final de vocábulo.

b. **Variáveis Linguísticas:** Modo de articulação do segmento seguinte - nos contextos de (I) tepe [r], (II) fricativa palatal surda [ʃ] e (III) fricativa palatal sonora [ʒ] – para o ditongo [ey]; Ponto de articulação do segmento seguinte – nos contextos de (I) oclusiva labial [p, b, v], (II) coronal, menos tepe [t, s], (III) dorsal [k], (IV) tepe [r], (V) final absoluto - para o ditongo [ow]; e para a realização ou apagamento do [R] em final de vocábulo, estabelecemos: (I) Extensão do vocábulo, (II) Contexto precedente, (III) Contexto subsequente, (IV) Ponto de articulação do segmento subsequente, (V) Classe morfológica do vocábulo.

c. **Variáveis Sociais:** Nível escolar e Gênero/Sexo para os três fenômenos estudados.

Os dados coletados no corpus do trabalho foram submetidos à análise estatística por meio do programa Excel que gerou os resultados quantitativos, os quais foram devidamente interpretados e confrontados com dados de estudos que antecedem este trabalho. Nosso primeiro passo em direção à análise foi a organização das variantes no *corpus* estudado. Neste caso, computamos todos os dados coletados nos textos, separando os três fenômenos a serem analisados. Deste modo, obtivemos os seguintes totais: 380 ocorrências para o ditongo [ey], com 10,26% de apagamento e 89,74% de manutenção da semivogal [y]; 999 ocorrências para o ditongo [ow], com 8,91% de apagamento e 91,09% de manutenção para a semivogal [w] e 3.470 ocorrências de [R] em final de vocábulo, com 12,51% de apagamento e 87,49% de manutenção na escrita. Passemos à análise de cada um dos fenômenos, conforme às variáveis estabelecidas:

Variação [ey] ~[e]

1. Variável Nível escolar:

Esta variável tem se mostrado relevante para as pesquisas de caráter sociolinguístico. Autores como Votre (2015), Tasca (2002) Paiva (1996), entre outros, têm atestado a influência de tal variável em seus estudos. Em nossa pesquisa, o nível escolar demonstra ser importante, conforme apontam os dados da tabela abaixo.

1ª Série		2ª Série		3ª Série	
Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
22/158	13,92	12/109	11,01	5/113	4,42
Totais: 39/380		10,26%			

Tabela 1: Variável Nível Escolar

Os dados apresentados na tabela acima apontam uma redução da supressão do ditongo [ey] à medida que os alunos avançam nas séries escolares. Na concepção de Mollica (2000, p. 69) a correção ocorre à medida que o processo de escolarização se encontra mais avançado e quando o aluno está mais maduro para assimilar e

aplicar regras como as referentes à variação linguística e sua possível consequência na escrita.

2. Variável contexto linguístico seguinte

A análise desta variável foi realizada com base nos contextos de tepe [r], fricativo palatal surdo [ʃ] e fricativo palatal sonoro [ʒ], conforme mencionamos anteriormente. Os resultados encontrados podem ser observados na tabela a seguir:

Tepe [r]		Fricativa Palatal Surda [ʃ]		Fricativa Palatal Sonora [ʒ]	
Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
32/323	9,91	7/54	12,96	0/3	0
Totais: 39/380		10,26%			

Tabela 2 – Contexto linguístico seguinte

De acordo com os resultados obtidos na tabela 2, podemos verificar que a consoante mais produtiva na supressão da semivogal [y] é a fricativa palatal surda [ʃ], com 12,96% de ocorrências. O tepe, que na fala é um fator favorável à monotongação do ditongo [ey], conforme dados de Cabreira (1996), Lopes (2003), Carvalho (2007) Toledo (2010), entre outros, em nossa pesquisa ficou em segundo lugar no âmbito de ocorrências acerca do referido fenômeno, confirmando a observação feita por Mollica (2000, p. 73). Segundo esta autora “[...] o tepe é ambiente produtivo na fala e rapidamente entendido pelo aprendiz como contexto em que o i deve ser representado na escrita, mesmo que o [y] não seja realizado na fala”.

3. Variável Gênero/Sexo

Esta variável se revelou expressiva no *corpus* pesquisado, conforme demonstram os resultados seguintes:

Masculino		Feminino	
Ocorrências	%	Ocorrências	%
26/188	13,83	13/192	6,77
Totais: 39/380		10,26%	

Tabela 3 – Variável Gênero/Sexo

Verificamos nos dados acima, que as meninas apresentam um percentual de apagamento do *i* na escrita bem abaixo dos 13,83% encontrados para os meninos, o que demonstra uma vantagem significativa delas sobre eles. No entendimento de Mollica (2000, p. 82), as mulheres demonstram mais sensibilidade que os homens na conservação desta semivogal.

Varição [ow] ~ [o].

As pesquisas acerca do português falado no Brasil assinalam que existe entre

os estudiosos do processo de monotongação do ditongo [ow] a concepção de que a ocorrência deste fenômeno é um fato generalizado. Já mencionamos, anteriormente, a visão de Paiva (1996) segundo a qual, a supressão de [w] é muito mais geral e irrestrita que a supressão de [y], embora nas duas ocorrências, haja, de acordo com a referida autora, características de mudança em progresso. Vejamos os resultados da monotongação do ditongo [ow], conforme as variáveis pré-definidas:

1. Variável Contexto Fonológico Seguinte

Segundo Tasca (2002), que estudou o fenômeno da monotongação do ditongo [ow] na escrita de alunos de escolas públicas e particulares em Porto Alegre o fator mais expressivo na monotongação do ditongo [ow] foi o dorsal {K}. Já Henrique e Hora (2013) concluíram em seu estudo realizado com os alunos do ensino fundamental na cidade de João Pessoa que as consoantes coronais (menos o tepe) e consoantes labiais são as que mais favorecem a monotongação do ditongo em questão.

Observemos, na tabela abaixo, os resultados de nossa análise, a partir das variáveis estabelecidas:

Coronal anterior [t, s]		Dorsal [k]		Tepe [r]		Labial [p, b, v]		Final absoluto	
Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
0/127	0	0/112	0	0/5	0	1/17	5,88	8/738	11,92
Totais: 89/999		8,71%							

Tabela 4: Variável Contexto Fonológico Seguinte

Percebemos no *corpus* analisado que os alunos, em sua maioria, conseguem diferenciar as especificidades da fala às da escrita no que se refere ao uso do ditongo *ou*. Isto talvez esteja relacionado ao nível escolar dos discentes pesquisados, pois de acordo com Mollica (2000, p. 69), a partir da 5ª série ocorre de fato uma mudança de desempenho dos alunos com relação à língua escrita. Por outro lado, estes resultados também podem ser atribuídos a uma possível influência de fatores não controlados por esta pesquisa, como por exemplo, a maturidade dos alunos, a afinidade deles com a leitura e a escrita, entre outros. Reiterando a autora em lide, a maturidade é um fator relevante que contribui para a assimilação e aplicação de regras como as referentes à variação linguística e sua possível consequência na escrita.

Quanto ao fator final absoluto, o resultado de 11,92% pode ser atribuído ao fato de que a maior parte das palavras analisadas pertencerem à classe dos verbos na 3ª pessoa do singular, como *cursou, trabalhou, estudou, terminou*, entre outros. Conforme Carvalho (2007), a variável anteriormente citada exerce grande influência na monotongação do ditongo [ow] de formas verbais em 3ª pessoa do singular, como as supramencionadas e todas as outras que seguem esta mesma declinação.

2. Variável Nível Escolar

Conforme Mollica (2003), o nível de adiantamento dos alunos na educação formal tem se mostrado relevante no sentido de excluir os vestígios da fala na escrita. Vejamos os resultados da análise desta variável neste estudo.

1ª Série		2ª Série		3ª Série	
Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
50/444	11,26	26/316	8,23	13/239	5,44
Totais: 89/999		8,91%			

Tabela 5: Variável Nível Escolar

Os resultados encontrados para esta variável confirmam novamente a hipótese do papel da escolaridade no desempenho da língua escrita. No estudo de Mollica (2000), uma das principais referências deste trabalho, e por isso citada com frequência ficou constado que a partir do momento em que os discentes avançam nas séries subsequentes ao 1º ciclo do ensino fundamental, eles começam a assimilar as especificidades da língua oral e da língua escrita, principalmente, se lhes forem dadas informações sobre o fato de ter que representar grafematicamente com *i* ou com *u* segmentos que nem sempre são realizados na fala.

3. Variável Gênero/Sexo

Neste estudo, esta variável não alcançou índices relevantes para o fenômeno analisado. Verifiquemos a tabela abaixo:

Masculino		Feminino	
Ocorrências	%	Ocorrências	%
40/453	8,83	49/546	8,97
Totais: 89/999		8,91%	

Tabela 6 – Variável Gênero/Sexo

Observando os dados resultantes desta análise, podemos constatar que os percentuais atribuídos à supressão da semivogal posterior são relativamente baixos tanto para os meninos (8,83%), quanto para as meninas (8,97%). Entretanto, mesmo que a diferença não seja expressiva, identificamos neste caso, uma inversão dos percentuais, mostrando que os meninos aplicaram menos que as meninas a regra de cancelamento da semivogal [w].

Apagamento versus manutenção do [R] em final de vocábulo

Na concepção de Callou et al. (2002, p. 465), “[...] a variabilidade do /r/ se difere da de outras consoantes, antes de mais nada, pelo grau de maior número de realizações fonéticas identificadas”. Neste artigo, analisaremos o apagamento do [R] em final de vocábulo com base nas variáveis mencionadas anteriormente.

1. Variável Extensão do Vocábulo

A expectativa neste estudo era que as palavras mais extensas fossem as mais favorecedoras ao apagamento do [R] em final de vocábulo como atestam os trabalhos de Ribeiro (2013), Costa (2010), Mollica (2003), entre outros. Entretanto, conforme o resultado obtido nesta pesquisa estes dados se confirmam apenas para os vocábulos trissílabos, como podemos visualizar na tabela abaixo:

Extensão do Vocábulo	Apagamentos/Realizações	%
Trissílabo	184/1286	14,31
Dissílabo	181/1461	12,39
Monossílabo	45/411	10,95
Polissílabo	24/312	7,69
Totais: 434/3.470	12,51%	

Tabela 7: Variável Extensão do Vocábulo

Outo aspecto relevante nestes resultados se refere aos monossílabos. Estes atingiram um percentual de apagamento superior ao dos polissílabos e, neste caso, divergem da crença de que, quanto menor o vocábulo, maior a manutenção de seus elementos. Sobre este aspecto, Callou et al. (1998, p. 00) esclarecem que, “[...] para os nomes, o tamanho do vocábulo é um fator significativo, a perda do erre sendo praticamente bloqueada em vocábulos monossilábicos. Já para os verbos, a variável tamanho do vocábulo tem um comportamento neutro”.

2. Variável Contexto Precedente

Embora com índices mais baixos que os encontrados em *corpus* de fala, esta variável parece exercer uma certa influência em relação ao apagamento do [R] em final de vocábulo, na escrita dos alunos pesquisados. O segmento vocálico que antecede o rótico, isto é, o núcleo da sílaba em que o rótico ocupa a posição de coda, demonstra-se como um fator que propicia a ocorrência do fenômeno em foco, conforme apontam os dados expressos na tabela abaixo:

Contexto precedente	Apagamentos/Realizações	%
Vogal alta anterior	53/313	16,93
Vogal baixa central	252/1810	13,92
Vogal anterior média	106/994	10,66
Vogal posterior média	23/353	6,46
Totais: 434/3.470	12,51%	

Tabela 8: Variável Contexto Precedente

Os dados alcançados apontam que o fator que se mostra mais propício ao apagamento do [R] final na escrita dos alunos pesquisados é o da vogal anterior alta, com um percentual de 16,93%. Estes resultados se assemelham aos encontrados por Nascimento, Rodrigues e Cunha (2006), onde a vogal anterior não arredonda [i] se

mostrou bastante produtiva, alcançando um peso relativo de 0.96 e Costa (2010) para quem este segmento vocálico se revelou como um ambiente profícuo ao apagamento do *R* em final de vocábulo, principalmente nos verbos.

3. Variável Contexto Subsequente

Em nossa análise foi possível observar que o contexto de pausa foi o mais propiciador à realização zero do segmento consonantal [R] em final de vocábulo. A tabela seguinte apresenta o comportamento da variável em questão, no *corpus* analisado:

Contexto subsequente	Apagamentos/Realizações	%
Pausa	135/909	14,85
Vogal	132/1049	12,58
Consoante	167/1512	11,04
Totais: 434/3.470	12,51%	

Tabela 9: Variável Contexto Subsequente

Os resultados encontrados para esta variável se assemelham aos de Ribeiro (2013) para quem o contexto de maior influência na realização zero do segmento [R] em final de vocábulo é o de pausa, com um percentual de ocorrência de 17%, seguido do contexto vocálico, 13,01% e do contexto consonantal, 12%.

4. Variável Ponto de Articulação do Segmento Subsequente

Enquanto pesquisas que utilizam *corpora* de língua falada amalgamam as variáveis ponto de articulação, modo de articulação e sonoridade do segmento subsequente, optamos por utilizar em nossa análise, apenas a variável ponto de articulação, uma vez que as demais não se mostraram influentes em estudos com *corpora* de língua escrita, como atestam Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) Costa (2010), Ribeiro (2013), Mendes (2015), entre outros. Deste modo, a tabela 10 explicita os resultados referentes ao apagamento x manutenção do [R] final nos dados analisados.

Ponto de Articulação	Apagamentos/Realizações	%
Linguodentais	72/515	13,98
Bilabiais	49/460	10,65
Alveolares	15/151	9,93
Palatais	2/23	8,70
Velares	21/252	8,33
Labiodentais	8/111	7,21
Totais: 167/1.512	11,04%	

Tabela 10: Variável Ponto de Articulação do Segmento Subsequente

Os resultados alcançados para a variável em questão se diferenciam dos de Ribeiro (2013), Costa (2010), Oliveira (2001) e outros. Uma das prováveis explicações

para este fato, talvez esteja relacionada aos instrumentos de coleta de dados utilizados em cada uma das pesquisas.

5. Variável Classe Morfológica do Vocábulo

Ao analisar esta variável, Callou, Moraes e Leite (2002, p. 471) observaram que o comportamento atestado na classe dos verbos, se dá, sobretudo, no infinitivo verbal. Neste trabalho, os vocábulos analisados são, em sua maioria, verbos que estão no infinitivo e em alguns casos, no futuro do subjuntivo. Após a análise do *corpus*, encontramos o seguinte resultado para esta variável:

Classe Morfológica	Apagamentos/Realizações	%
Verbos	412/2.932	14,05
Não Verbos	22/538	4,09
Totais: 434/3.470	12,51%	

Tabela 11: Classe Morfológica do Vocábulo

Podemos observar na tabela acima que o fator verbo apresenta um índice muito superior (14,05%) se comparado ao fator não verbo (4,09%). No entendimento de Mollica (2003, p. 51), “[...] o índice de representação do segmento vibrante, na escrita, através da letra *r* (erre), é bem baixo em verbos, apresentando-se um pouco mais alto em substantivos e aumentando gradativamente nos adjetivos e advérbios”.

A variável social nível escolar para o apagamento do [R] em final de vocábulo indica um decréscimo de uso da variante não padrão à medida que os discentes avançam de série. Comparando os números obtidos entre a 1ª e a 3ª séries, verificamos uma redução de 141 ocorrências de apagamento do [R] final entre estes dois polos. Este comportamento diferenciado entre os alunos das séries pesquisadas dialoga com a concepção de Bortoni-Ricardo (2004) quanto aos conceitos de identificação da diferença e a conscientização da diferença. Conforme a autora, tão logo percebem a regra de uso linguístico, sobretudo de verbos no infinitivo e suas formas flexionadas (em 3ª pessoa do singular), os alunos se conscientizam de que, ainda que não pronunciada a consoante, esta faz parte da constituição da palavra que ora é utilizada. Todavia, é conveniente mais uma vez reafirmar a importância do papel docente neste processo.

Finalmente, a variável social Gênero/Sexo, com percentuais de 18,22 para o masculino e 7,63 para o feminino convergem com a concepção de Paiva (2015) e reforçam a ideia de que as mulheres são muito mais cuidadosas em relação ao uso do nível formal da língua.

5 | CONCLUSÃO

Os dados analisados demonstram que, diferente dos estudos realizados em *corpora* de língua falada, a ocorrência dos fenômenos em questão é pouco produtiva na escrita dos alunos pesquisados. Dos três fenômenos estudados - monotongação do

ditongo [ey], monotongação do ditongo [ow] e apagamento do [R] em final de vocábulo - o que exerce maior interferência na escrita dos alunos pesquisados é o terceiro fenômeno, com um índice de 12,51%.

Por se tratar de um *corpus* constituído por textos, e não por vocábulos soltos, não trabalhamos com a variável orientação direcionada, como procedeu Mollica (2000), Tasca (2002), Henrique e Hora (2013), entre outros.

Dentre as variáveis linguísticas selecionadas para a análise da variação *ei ~ e*, o contexto que se mostrou mais influente no corpus estudado foi o da consoante palatal surda [ʃ] com 12,96%, ficando o tepe [r] em segundo lugar, com percentual em torno de 9,91%.

Quanto à alternância entre a grafia *ou ~ o*, verificou-se que o contexto mais favorável à monotongação foi o final absoluto, onde o nível de ocorrências alcançou o percentual de 11,92%.

Em relação ao apagamento versus manutenção do [R] em final de vocábulo, as variáveis especificadas acima, mesmo que em índices pouco expressivos, apresentaram resultados que se assemelham a pesquisas anteriores a esta.

Quanto aos verbos, principalmente quando estão no infinitivo, interferem de fato na escrita dos alunos pesquisados.

No que se refere à variável extensão do vocábulo, o fator que mais contribuiu com a realização zero do segmento [R] foi o fator trissílabo.

Com base nestes resultados, podemos afirmar que, mesmo minimamente, há influência da fala na escrita dos discentes analisados. Sobre este aspecto, Mollica (2003) informa que é possível que as ocorrências da língua falada se reflitam na escrita, principalmente de alunos iniciantes. Embora os alunos pesquisados estejam no ensino médio, aparentam ainda carecer de ações pedagógicas que lhes deem um suporte maior na compreensão das especificidades da língua escrita, especialmente no que se refere ao nível formal. Neste sentido, a referida autora preconiza que os professores, em todas as séries, estejam atentos à interferência de fenômenos da fala na escrita dos alunos visto que os problemas não são sanados até a 4ª série.

Os resultados desta pesquisa reafirmam tal posicionamento, pois nos três fenômenos investigados, pudemos observar uma sensível queda nas ocorrências entre as séries estudadas.

No âmbito das variáveis sociais, o fator nível escolar foi o mais relevante nesta pesquisa e corrobora entendimentos como o de Votre (2015, p. 54), para quem “[...] o ensino se mostra produtivo ao passo que o aluno se apropria das formas do padrão da língua como capital simbólico”. Já a variável gênero/sexo apontou índices bem expressivos, no processo de monotongação do ditongo [ey] e no apagamento do [R] final. Entretanto, na supressão da semivogal [w] do ditongo [ow], esta variável se comportou de forma moderada.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Ditongação X Monotongação no falar de Fortaleza**. Revista Graphos, Vol. 5, n. 1. Dez/2000. p. 109-120.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- BARONAS, Joyce Elaine de Almeida; DUARTE, Patrícia Cristina de Oliveira. **Interferências da oralidade na produção escrita de acadêmicos de letras**. Signum: estudos da linguagem, Londrina, n. 17/2, p. 144-165, dez. 2014.
- BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1981.
- BORTONI RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. **Ilha de Santa Catarina rodeada por róticos**. Letra Magna, ano 06, n. 12, 1º sem. 2010.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Como falam os brasileiros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____; MORAES, João; LEITE, Yonne. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. (Org.). **A construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernadete. (Org.). **Gramática do português falado**. vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.
- CARVALHO, Solange Carlos de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos orais em falares do Recife**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.
- COSTA, Cristine Ferreira. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB**. Dissertação (Mestrado em linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.
- GOMES, Christina Abreu. **Rotacismo em grupo consonantal**: uma abordagem sincrônica e diacrônica. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 1987.
- HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima; HORA, Dermeval da. **Da fala à escrita**: a monotongação de ditongos decrescentes na escrita de alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. Revista Letrônica. v. 06. n. 01. Jan./jun. Porto Alegre: 2013.
- HORA, Dermeval da. A monotongação na escrita: reflexo da fala? In: **Actas I del X Simposio internacional de comunicación social**. Santiago de Cuba. Centro de Linguística Aplicada, vol. 1, p. 127-131, 2007. Disponível em:
<<http://www.santiago.cu/hosting/linguistica/actas.php?simposios=x&actas=1>>
- _____; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; CARDOSO, Walcir. **Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro**: coda ou *onset* com núcleo não preenchido foneticamente? Letras de Hoje., v. 45, n. 1, p. 71-79. jan./mar. Porto Alegre, 2010.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ey no português falado em Altamira/ Pará**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Artes. Universidade Federal do Pará. Belém, 2002.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Tese (Doutorado em linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado das letras, 2005.

MENDES, Gilcélia Amaral. Interferência da fala na escrita de alunos do sexto ano: descrição, análise e intervenção. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Faculdade de Letras/UFGA. Belém, 2015.

MENON, Odete Pereira da Silva. **Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans Le portugais parlé au Brésil, a partir des données du NURC/SP**. Tese de Doutorado. Université de Paris VII, Paris, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____. **Influência da fala na alfabetização**. 2. ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

NOBRE, Lucélia Lopes; FÁVERO, Teresinha Oliveira. **Influência da linguagem oral na escrita**. Lume – Repositório Digital. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/60697>. Acesso em 10/10/2016.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador**. Dissertação de mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. **Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba**. Dissertação (Mestrado em Letras). – Centro de Letras e Artes. Universidade Federal do Pará. Belém: Pará, 2001.

OMENA, Nelise Pires de (2003). A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2003.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Supressão das semivogais dos ditongos decrescentes. In: SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.

_____; GOMES, Christina Abreu (Orgs.). **Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

PEDROSA, Juliene Lopes. Variação fonético-fonológica e ensino de português. In: MARTINS,

Marco Antonio; VIEIRA, Sílvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos [aj], [ej], [ow] no português falado em Tubarão (SC)**: estudo de casos. Dissertação (Mestrado) Unisul. Tubarão, 2004.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre a influência e variáveis na Concordância Nominal. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____; NARO, Anthony Julius. Marking in Discourse: Birds of a Feather. **Language Variation and Change**. Cambridge University Press. 3(1). 1991.

TASCA, Maria. **Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais**: o papel de fatores linguísticos e sociais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1978.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-12-3



9 788585 107123